

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO
COLLABORADO POR ALGUMAS SENHORAS

Proprietaria e principal redactora— D. Violante Atbalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as províncias 5\$ por semestre e 10\$ por anno. Escritorio da redacção : rua do Príncipe dos Cajueiros n. 266 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 7 de Fevereiro de 1875.



O Marquez de Sapucaby

Mais um vulto desappareceu ! Mais uma voz sublime emmudeceu para sempre !

Obreiros do porvir, os engenheiros, e no Conselho de Estado, e na Presidencia do Instituto Historico; das forças do corpo e do espirito na erecção do monumento que ha de immortalizar o seculo, e de repente, feridos caem do alto !

E' o destino, é a lei commun !

Na batalha da vida, o invisivel trava de nós, arrasta-nos, e por um combate prostrado cem novos se precipitam.

O marquez de Sapucaby pagou a dívida que a terra não perdoa aos conquistadores da espada, nem aos conquistadores da idéa.

A sua falta assombrava, quasi como um espanto, os que na vespera o teve um grande mérito — foi intimo e fiel amigo de nosso Pae ! E depois da

Quem o lamentará ? São muitos os talentos festejados, porém, hombros de nossos irmãos !

que possam com o peso das reputações. E o marquez de Sapucaby nunca se da época que finda, ninguem os desprostituiu para agradar a ninguem, e cobre.

A existencia de Candido José de Araujo Vianna foi uma das mais gloriosas e largas que registram os annaes do Brasil. Dos cargos eminentes que lhe per-

O que admiramos mais n'elle foi a officia lazer com que ia meditando a certeza que teve sempre de si, e os progressos maravilhosos do mais acurado estudo, e da mais aturada perseverança.

Araujo Vianna não peccava por vaidade, alguma hora em que ia re-

Abrasado na sede da sciencia, des- gresso, em canteirinho ignoto, a for-

pio a farda de ministro com abnegação. Foi tão famosa a reputação por elle conquistada durante os longos annos

da sua vida, que por erudito sabedor e prestou muitos e relevantes serviços ao paiz, à sciencia e ao Imperador.

Os ultimos annos da sua gloria entre os que maior admiração consa-

carreira foram dedicados a applicações graram ao seu grande engenho, os que caem do alto !

engenhosas.

De ordinario os grandes genios protetor, porque podessem, dizer ao vol-

cedem assim. Partem do conhecido tar á sua patria, que haviam pra-

para o incognito... e a idade e a ex- tificado com brasileiro de tanto enten-

periencia rasgam a nuvem, e descobre dimento.

Aqui tem os leitores o que foi o que em todos os seculos tem marchado adiante da humanidade, meneando o

grande e illuminado espirito.

E para nós o marquez de Sapucaby explendido que a civilisação se repre-

senta personificada pelos vultos he- roicos da sciencia e saber, no preterito em que desfilam os sacerdotes enthu-

sias das razão, a historia concederá sem duvida um logar de honra a Can-

dido José de Araujo Vianna.

NOTICIARIO

A AURORA BRAZILEIRA.—Chamamos a atenção das nossas leitoras para a bellissima poesia da Fxma. Sra. D Adelia Josepha de Castro Rebole, que com este título publicamos na secção competente.

Talisman cosaco.—Ao partirem os cosacos para a guerra, levavam consigo um saquinho de terra do seu paiz, e qual lhes serve de recordação e talisman, e morrem beijando essa memória da pátria.

Thesouro de S. Marcos.— Era riquíssimo este tesouro da república veneziana, formado dos despojos de Constantinopla.

Está n'uma sala com quatro portas de ferro que se fecham logo, por uma certa mola, sobre os que lá entram.

Tomou-se este cuidado, em consequência do roubo que fizerão em 127 o candidato Stromati.

Entre varios e numerosos objectos que ornava o tesouro, taes como: vasos de Agatha, uma finíssima saphira de peso de 10 onças, etc., etc., ha, e sem dúvida o mais precioso e importante, um manuscrito em folhas de pergaminho muito velho, quasi que em pó, que dizem ser autógrafo do Evangelho de S. Marcos.

As tres ou quatro letras que delle se podem ler são origem para dissertações dos antiquários.

Dizem uns que são gregas, outros que são romanas, outros que são hebreicas, o que diminui muito o crédito de tal singularidade.

Direito d'asylo no Egypto.

—No Cairo durante o domínio dos mamelucos, quando um homem perseguido pela justiça conseguia na fuga tocar na porta que conduzia ao harem e gritava: —*y ard el harym* (sob a protecção das mulheres) obtinha perdão.

Malvarosa.— É um arbusto lindissimo de folhas grandes e redondas, que no Brasil dá bellíssimas flores todos os annos, flores semelhantes ás camelias, porém muito maiores: de manhã até ao meio dia são brancas, e do meio dia para a tarde tomam a cor da rosa da mais bonita camelia. É preferido este arbusto pelo beija-flor, que n'elle pousa de continuo.

Sino da Infânia.— Ha por traz da casa de commerce da cidade de Hamburgo (uma das mais ricas de todo o mundo) um sino a que chamam: de infânia, o qual toca um dia inteiro quando ali ha alguma quebra fraudulosa, fazendo logo sonhecido de todos o nome do faltado.

PARTE RECREATIVA

Innocentes.

I. Todo aquelle que não perder occasião de dizer: « Meus amigos e minha familia fazem de mim o que querem, porque sou um bonançhão e um innocent» fica declarado velhaco de marca maior e dissimulado.

II. Será declarado innocent-chronico aquelle que escrivendo a uma mulher cartas amorosas, ha falle do « vulcão de seu peito e da paixão irresistivel que o devora.

III. Todo o autor dramatico que para desembaracar o emmaranhado argumento de uma comedia, fizer um personagem puchar por uma carta dizendo que a encontrou sobre o cadaver daquelle que fazia o papel de traidor e obrigar o que a ler a exclamar: « Céos ! que vejo ! »

Será despachado com o titulo de innocent de bastidores.

IV. Ao que, sendo o ultimo a sentar-se a mesa n'un café, d'abi a pouco chamar o servente com todo o segredo e lhe dar um patrocínio para se pagar, de tudo o que tiverem trazido os amigos, sera al-cunhado de innocent, mas em segredo e de maneira que continue na illusão de que hão de agradecer a fineza.

V. O poeta que passar a limpo e em papel marcado e assetinado os romances que escrever, imitando letra gotica e enfeitada, fazendo garabulhos a margem, sera tudo por innocent, e se acontecer que continue a fazer suas composições daquelle maneira, sem emendar nem corrigir, sera qualificado como memorialista da innocentia.

VI. A todo aquelle que esperar uma hora pela noiva, soffrendo as inclemencias do tempo, e depois a acompanha á casa, abrigando-a com o seu guarda-chuva, e sonhar depois com o amor casto e desinteressado da sua Dulcinéa, pode ser tido por innocent sem mistura.

VII. O artista de qualquer gênero que acreditar que as suas obras são as melhores, e que quando ver que duas pessoas falam em voz baixa estão discutindo o seu merito, « ipso facto » será declarado innocent.

VIII. O gazetilheiro que fizer versos na meza de um café, ou corrija no mesmo lugar provas de imprensa, perguntando em voz alta a algum amigo se Babylonia é porte de mar, com a mira em que os circunstantes se inteiram de que é escriptor, sera declarado innocent.

Continua

O riso.

Rir!... todo o mundo ri e todo mundo faz rir!

O riso é um enigma, como o olhar, como o gesto e como a consciencia. Eu me rio, porque tu estás sério; como tu ficas sério quando me rio. Das duas uma; ou a tua seriedade é um idiotismo, ou é idiotismo o meu riso.

Eva nasceu de felicidade; Adão pecou sorrindo de ventura. A innocentia e o crime uniram-se pelo mesmo laço ideal.

O sorriso, o riso, a gargalhada, formaram ao mesmo tempo uma trindade extravagante n'uma só galhofa verdadeira.

O sorriso dos primeiros paes; o riso da criação que os admirava; a gargalhada da serpente que os surprehendia.

Sorriso!... tu és traidor! Riso... tu és falso. Gargalhada! tu sim, tu és verdadeira como a luz!

Sorri quem quer; risse quem deseja; mas gargalha apenas quem está delirante de alegria! A gargalhada é o unico antagonista do homem.

Resistir a um sorriso, a um riso, a uma lagrima, é humano; a uma gargalhada... é homérico.

Para os namorados foi criado o sorriso; para os políticos o riso; para os grotescos o gargalhada.

Ria-mo-nos então! ria-mo-nos. Gargalhemos muito! O leitor gosta a leitora também.

Magras e gordas

A magreza representa geralmente a poesia, o sentimento, a delicadeza distinta; a gordura é a prosa, o aborrecimento, o mau gosto, a desconfiança e tédio.

Voltaire era magro; Panurgio era gordo.

Margarida Gauthier, Sapho, Emilia de Girardin, Jeorge Sant, Ninon de Lençólos, Dejazet, Augustine Brohan eram magras; eram e algumas dentre elas continuaram a ser glorirosamente.

A natureza solicita sempre em distinguir o que é suave do que pesado e nada vale, fez consistir toda a formosura da mulher na magreza.

Uma mulher magra é capaz de sacrificar-se até o dilírio por um homem.

A mulher gorda come, a mulher magra petisce.

A mulher gorda não diz que ama, a mulher magra declara o seu amor mesmo no modo de negar a existência dela.

Toda a mulher gorda é desconfiada e exigente; a mulher magra é credula como as creanças.

A mulher gorda gosta de alguém para casar; a mulher magra ama para sofrer.

Uma sonha a outra tem pesadelos.

POESIAS

As estrelas.

Lindas, mimosas saphyras,
Que o véo da noite bordaes,
Dizei-me, estrellas, dizei-me,
Se acaso também amais:

Tereis sómente por fado
Luzir, luzir, e não mais?
Não creio, estrellas, não creio;
Sois tão formosas?... amais.

A. LIMA.

Porém lá mesmo distante,
Imagen do meu sofrer,
Comparte comigo as magoas,
Que eu de magoas sei viver?...

D. EMILIA M.

Rosa ou estrella

Vi-te gentil e formosa,
Sem que pudesse afirmar
Se tu eras branca rosa,
Ou estrélla a scintillar.

A principio rosa bella
Te julguei; chamei-te flor;
Logo depois vi-te estrella,
Déstes-me luz, dei-te amor.

Porém rosa tu não eras,
Qua eu espinhos te não vi;
Sendo estrella não poderas,
Bar-me as fallas que te ouvi.

O que eras pois? Oh! eu creio,
Se é que assim o posso crer,
Que a final de tanto enleio,
Tu eras anjo ou mulher.

Ernesto da Veiga.

A folha secca

Triste folhinha mirrada,
Imagen do meu viver,
Bem retratas minha vida,
Bem exprimes meu sofrer?...

Dize-me, triste folhinha,
Quem teu viço te murchou?
Das mil vidas que vivias
Quem todas mil te roubou?...

Oh! vem dizer-me em segredo,
Linda folha, meu amor,
Dos orvalhos matutinos
Quem te roubou o frescor?

Mas não venha ao longe em breve
Te hade o tufão arrojar,
Como também irei longe
Nas azas do meu pensar;

Charadas

Estou na solidão. 1
Pertenco a philosophia. 2
Nome de uma menina
Por quem tenho sympathia.

Sou província brazileira
Se accentuares um—a— 2
Eu caio da atmosphera
Se carregada ella esta. 2

CONCEITO

Sou vara, mas não de pao.
Sirvo a bem da humanidade
Presto-me só para attracção.
O qu' é uma pura verdade.

Francisco P. Lisboa.

A decifração das charadas do n. 57, é: a primeira, — MARIANNA — e a segunda — CAROLINA —.

As do n. 58, é: a primeira — LONGANIMIDADE — e a segunda — SOCEGO.

A decifração do logogripho publicado no n. 57, é: — CAPACIDADE, e a do n. 58, é: — MARCOLINA.

Enigma

U uuuu U S. O

A Aurora Brazileira

Quando tu, luso cantor (*)
 Na tua lyra dourada
 Medlaste com primor
 Uma linda madrugada,
 Porque dizer não quizeste
 Que a aurora que descreveste
 No teu canto tão gentil,
 E o mar da lisa prata,
 Que o arvoredo retrata,
 Eram só do meu Brazil ?

Porque dizer não havias
 Que esse nascer prasenteiro
 De puros, formosos dias,
 Era do céu brazileiro ?
 D'este céu abençoado,
 De bello anil esmalçado
 Pela mão do Creador ?
 Que lèdo nos apresenta
 Na formosura que ostenta
 Um milagre do Senhor ? !

Que tem noutes tão formosas
 De prateado luar ? !
 Que possue manhas de rosas,
 E tardes... de arrebatar ? !
 Tu, por acaso, ignoravas,
 Que a madrugada pintavas
 Da minha terra natal ?
 Ou cego co'o patrio amor,
 Julgaste que esse primor
 Era do teu Portugal ?

Vem, no céu do meu paiz.
 Ver bella aurora d'estio.
 Como se mostra feliz,
 Como se mira no rio
 Vem vel'a mimosa, abrindo
 O transparente véu lindo,
 Frescas flores espalhar ;
 E dos olhos, abundantes
 Ir m per'las, diamantes,
 Sobre todas se poustar.

Vem ver nas trancas formosas,
 Por leve brisa onduladas,
 Treparem candidas rosas,
 Violetas delicadas.
 Jamais n'esse Portugal
 O teu sonho divinal
 Realisado gozaste ;
 Vem, porque só minha terra
 As maravilhas encerra
 Do quadro que debuxaste :

Vem ouvir o harmonioso.
 O doce canto afiáutado
 Do sabiá mavioso,
 Sobre o raminho pousado
 Vem ver os volateis todos
 Festejarem de mil modos,

Com folguedos, com cantares,
 A fágneira madrugada,
 Que de flores adornada
 Perfuma os limpídos ares.

Vem contemplar a lindeza
 Deste Brazil tão jucundo :
 Vem ver sua natureza,
 Que é a mais bella do mundo.
 Vem ver seu sol descoberto,
 N'um céu de nuvens deserto,
 Deslumbrante de fulgores ;
 Vem aqui ver como o Eterno
 Mesmo nos dias d'inverno
 Veste os campos de verdores.

Diz-me vate portuguez,
 Se esse céu do paiz teu
 Tem a mesma unidade
 Do americano céu ?
 Diz-me se na plaga tua
 E' tão diaphana a lua,
 Se é tão meiga, tão gentil ?
 Se brilha em noutes tão bellas,
 Tão opulentas d'estrellas,
 Como as do rico Brazil ? !

Se, seu raio illuminado
 Por sobre um mar transparente,
 Pelas aguas embalado
 Se estende tão docemente ?
 Se doura o cume dos montes,
 Se beija o chystal das fontes
 Com tanto enlevo e doçura ?
 Se do templo na vidraça
 Reflete com tanta graça
 A face da luz tão pura ?

Tens nos prados tanto viço ?
 Nos fructos tanto sabor ?
 Na vida tanto feitiço ? ...
 No coração tanto amor ? ...
 Vem, ó bardo, vem azinha
 Na mimosa patria minha
 A tu'alma extasiar :
 N'este clima brasileiro,
 Vem sob um céu prasenteiro
 Nova existencia gozar.

Vem, pois, sublime poeta,
 Ver o meu sólo natal,
 Que de Deus a mais dilecta
 E' a terra de Cabral.
 Vem da minha terra amada
 Ver a linda madrugada,
 Ver do céu a perfeição ;
 Vem contemplar uma lua,
 Que sabe mais do que a tua
 Responder ao coração.

D. Adélia Josefina de Castro Rebeollo.